

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME II

XLIV

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

O ENSINO DA PRÉ-HISTÓRIA NO CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO DE HISTÓRIA (*).

JOSÉ AFONSO DE MORAIS BUENO PASSOS

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos (SP.).

Destina-se, nosso pequeno estudo, a aludir à importância da Pré-História, tanto para melhor conhecimento do homem como para acréscimo do cabedal científico dos estudiosos de História. Pretende ainda examinar a situação atual dessa disciplina no currículo histórico e apresentar sugestões diversificadas para que possa ela ser matéria de indispensável ministração para o enriquecimento cultural de nossos alunos, como os tempos atuais parecem exigir.

* * *

*

I

Provinda embora de critérios exclusivamente científicos, nossa comunicação persegue objetivo apenas prático, de eficácia, e não erudito. Não nos deteremos, pois, em examinar pontos de divergência entre os mestres, a não ser quando necessários para dar direção e esclarecimento a aquele escopo prático pretendido.

Assim, prescindiremos das diferentes definições de Pré-História e de seus motivos respectivos, para declarar genéricamente essa disciplina como: o estudo da origem e desenvolvimento do homem e de sua cultura desde os mais remotos inícios até o aparecimento da escrita.

Nessa “declaração” o que entenderemos por *homem* é o mesmo compreendido pela Pré-História. Não se trata unicamente do *Homo Sapiens*; dêle sim, mas também dos mais antigos representantes

(*). — Comunicação apresentada na 5ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 9 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

do gênero *Homo*. Assim, quando afirmamos que o homem aparece na terra pe'lo menos a cêrca de uns três milhões de anos, não nos estamos referindo à espécie *Sapiens*, objeto da História.

Igualmente, quando observamos “desde os mais remotos inícios” estamos desejando insinuar em quantas outras ciências tem essa de apoiar-se, numa integração que não confunde os campos, mas que os completa através das linhas divisórias, as quais permanecem.

E, finalmente, quando balizamos o término da Pré-História com a presença da escrita, estamos assumindo posição, que não é a de todos, conquanto o seja da maioria. Sabem perfeitamente os srs. professôres aqui presentes que a'guns especialistas colocam os primórdios da História em outros marcos, notadamente no começo da agricultura ou da metalurgia. As razões que apresentam são de real valor e confesso aqui, com clareza, que pessoalmente sigo a opinião de que com a metalurgia nasce a História. Mas, nesta palestra, dada sua finalidade, assumo por empréstimo a posição tão bem defendida pela mor parte dos entendidos, que demarca o território histórico com a escrita.

Fiquemos, pois, à guisa de definição, com o que declaramos acima, descrevendo o campo da Pré-História.

*

Cabe neste momento breve observação sôbre a Proto-História.

É, diríamos, o “corredor de passagem” entre a vasta e longa Pré-História e ainda curta, mas rica, História.

Vai desenrolando-se em diferentes épocas pela diversas regiões geo-culturais. Não é simultânea em toda a humanidade.

Isso, aliás, não é específico da Proto-História. O desnivelamento cultural que desigual a humanidade em grupos desenvolvidos e menos progredidos faz sua aparição — provavelmente a primeira que se comprove — dentro ainda do Paleolítico Médio. Desde o Homem de Neandertal notamos a falta de equiparação no desenvolvimento técnico-cultural no seio da mesma humanidade.

Avizinhando-se mais a nós, vemos que os Orientes próximo e médio evoluíram com maior rapidez que outras zonas do planeta. Talvez também certa região balcânica, segundo aventa recente hipótese ainda a espera de confirmações maiores.

E no Oriente, não só a Mesopotâmia, mas igualmente a Anatólia. Observa muito bem André Parrot que o fim da Pré-História e princípio da Proto-História recebem nova luz das descobertas de James Mellaart em Hacilar (1959-61) e em Chatal Huyuk, (1961-65). O nível VI de Hacilar, por exemplo, colocado por Mellaart ao fim neolítico, revela estatuetas datadas pelo C 14 de 5620 ± 79 a.C. O nível XII de Chatal Huyuk, situado no mesmo período, foi datado de 6.800 ± 100 a. C., e, curiosamente, contém cerâmica (quando, até essas escavações de Mellaart, a mais antiga cerâmica que possuíamos provinha da Síria e norte da Palestina e fôra datada de 6.000 a. C.) (1). Pois; naquelas regiões entramos, logo após, na Proto-História. Em outras zonas, em diferentes épocas.

Quando dizemos, pois, que a Pré-História se estende até o surgir da escrita, englobamos dentro dela também a Proto-História, que, nos manuais e obras especializadas constitui normalmente um como apêndice da Pré-História.

*

Segunda ordem de considerações exige, agora, nossa reflexão.

A Pré-História, filosoficamente ponderada, é a mesma História, diferindo desta apenas em grau de menor e maior documentação?

Eis opulento filão, a ministrar vários temas para interessantes disputas entre os mestres no assunto.

Dessas discussões, admiravelmente conduzidas em nível científico emotivamente neutro e que ainda prosseguem, hão de surgir elucidações sempre mais nítidas.

Damos nossa opinião, que sujeitamos à apreciação e aos argumentos dos eminentes colegas.

Certamente também a Pré-História trata dos grupos humanos, dentro da categoria tempo. Para nós, pois, o prisma sob o qual se considera a matéria (a formalidade — o “objeto formal” —), é o mesmo. Em consequência, deve-se concluir que ambas são duas seções da mesma ciência.

Mas, há diferenças que, se não são essenciais, apresentam-se como profundas.

(1). — Parrot (André), *Clés pour l'archéologie*. Paris, Sehers, 1969, p. 22-25.

Primeiramente, a Pré-História dispõe de campo de estudos (“objeto material”) mais amplo que o da História. Trata-se, em província própria, também de certos primatas evoluídos, aos quais chama de homens, que não são o *Homo Sapiens*. O objeto de ambas, portanto (o homem), nesta nossa consideração é termo usado equívocamente por uma e outra.

Conseqüentemente, o grande método da Pré-História, a arqueologia — que é um dos da História também — ocupa-se de materiais que fogem ao interesse histórico. Um fragmento ósseo, encontrado pelo Dr. Leakey na África, referente a homem anterior em um ou dois milhares de milênios ao *Sapiens*, não é objeto da História.

Além dessa extensão dos objetos de estudo, há o alongamento cronológico. O campo de interesse da Pré-História alarga-se por um mínimo de três milhões e trezentos mil anos da evolução (se não computarmos nem mesmo as derraideiras etapas para o surgimento do humano), (2). Ora, o ciclo da ciência histórica propriamente dita principia há uns poucos milênios.

Essa amplitude reveste a Pré-História de individualização marcada e peculiaridade ímpar.

A essa consideração, acresce a de que para suficiente conhecimento pré-histórico requer-se base geral em diversas outras ciências, em si cabalmente autônomas, independentes, mas, em relação a ela, estimada como auxiliares — sem, evidentemente, desprestígio para nenhuma, pois essa interação e integração, respeitadas as fronteiras, é a própria condição existencial do saber. A “base geral” aludida não exclui, mas exige a consulta, se possível permanente, aos especialistas respectivos. Aquêle embasamento, contudo, é de necessidade absoluta para a formação de qualquer pré-historiador que se preze, pois é esse diversificado conhecimento que possibilitará e avalizará seus juízos, apreciações, conclusões, fôssem só provisórias, no terreno específico da Pré-História. Sem isso, jamais conhecerá a Pré-História em si mesma, se nos é lícita a expressão, “por dentro”. Ora, tais conhecimentos não são requeridos ao historiador.

(2). — Os fósseis de Omo (África) atingem 3.300.000 anos, segundo Yves Coppens, diretor das escavações do vale (e sub-diretor do Musée de l'Homme, de Paris). E o prof. Patterson, de Harvard, anuncia, no Kenya, peças de Australopitécinos em torno dos ... 5 milhões de anos. (Cf. artigo em *La vie préhistorique*, número especial de “Sciences et avenir”, (Julho), 1971, pág. 83).

De feiço, a nosso ver — que, afinal, é o de quase todos os que se dedicam à Pré-História — noções de geologia, biologia (notadamente, genética), paleontologia, zoologia e antropologia física antempõem-se como precisão vital ao pré-historiador. Requer-se, em verdade, alguma familiaridade com a estratigrafia, com classificação geológica de materiais, com certa terminologia técnica. Nem poderá êle jamais ignorar os mecanismos da evolução das espécies. Ou ser incapaz de distinguir ao menos determinados fósseis ou de classificar alguns animais, surgidos e envolvidos em suas pesquisas. Ou desconhecer por completo a anatomia humana.

Num segundo escalão de conhecimentos gerais, colocam-se a física, a botânica, outras ciências. Evidentemente, para alguma datação de potássio-argônio, ou pelo C-14, ou pelo método da termoluminiscência, ou pelo dos vestígios de fissão nuclear (cientistas da Universidade de Birmingham, chefiados pelo Dr. S.A. Durrani, sobre obsidiana de Franchthi, Grécia), é miser um físico, não um pré-historiador; mas êste deve estar apto a poder explicar, *primeiramente para si*, como “funciona” o método, qual seu valor e as eventuais limitações.

Compreende-se, agora, porque em boa parte dos países onde se dão cursos de Pré-História seja e/a situada não como dependência de Letras, mas de Ciências.

Asseveramos, há pouco, que Pré-História e História, para nos, são essencialmente a mesma ciência em duas secções; mas reconheciamos que, se a formalidade do estudo de ambas é idêntica, não o é o material sôbre o qual êle versa, muito mais amplo para a Pré-História, nem o é o entrelaçamento de ciências existentes no estudo pré-histórico. O estudo do homem preponderantemente físico, requer a aplicação de ciências físicas. Mas, devido ao objeto principal — o homem — e no tempo — é sempre História.

Essa, a opinião que seguimos, defendida, aqui,, pela maioria. Não por todos, porém. Julgam alguns tão extremada a singularidade da Pré-História que a constituem ciência bem separada da História. Consoante asseguram, ambas devem manter-se assim; relacioná-las mais do que por afinidades, pretender unir vias tão divergentes, seria destruí-las. Para êles, pois, Pré-História não é História nem em sentido lato.

Fica aí nosso aceno a essa opinião, digna de respeito, mas cujos argumentos até hoje não nos convenceram.

“On change seulement de période”, escreve Annette Laming Emperaire (3). De pleno acôrdo. A Pré-História é a mesma

(3). — Laming-Emperaire (A.), *L'Archéologie préhistorique*. Paris, Seuil, 1963, p. 6.

História do homem antes do surgimento da escrita, que concorda a maioria — demarca o registro da ciência “História”.

E é bem por isso que advogamos para ela cátedra igual às dos outros períodos. Não só história antiga, medieval, moderna e contemporânea, mas antecendendo a êsses, o período pré-histórico.

*

A relevância da Pré-História para melhor conhecimento do homem parece-nos evidente.

No inato e insopitável desejo de saber, pergunta-se, o ser humano, sobre sua origem. É ponto capital para a ciência do homem. A essa medular interrogação, a Pré-História apresenta suas pesquisas como resposta. E é no estudo atento e meticoloso dessas investigações que se descobre o horizonte das alvoradas.

Apresenta-nos, essa ciência, as primeiras manifestações da cultura humana e seu lento e trabalhado desenvolvimento. A progressiva libertação, pelo domínio da matéria. Temos, aí, a maravilhosa rede de técnicas, a tal ponto notável que se pode dizer, em certo sentido, ser a Pré-História uma história das técnicas humanas (4). E a arte, as manifestações religiosas, a organização dos grupos.

Não se pode pretender ao conhecimento sobre o homem, ignorando-o no seu nascedouro e no evoluir de sua primeira cultura.

Mas, se, para todos, a Pré-História é de tal monta na aquisição do saber sobre o humano, para o historiador é, a nosso ver, de necessidade. Uma agradável e fascinante necessidade.

A História não pode começar sem preparações. As culturas da Mesopotâmica, do vale do Nilo, da Anatólia, das margens do Yang-Tse ou do Indus, da região danubiana, do mundo egeu, com Creta (“de homens inumeráveis, com suas noventa cidades... entre as quais Cnossos, a grande, desse rei Minos que Zeus toma por confidente cada nove anos ...” (5), não podem, diríamos, brotar quase de repente.

A inteligência não se satisfaz com meia dúzia de palavras sobre a longa preparação que gerou essas civilizações. E, de outra parte, não se podem entender adequadamente tais florações de cultura sem se haver acompanhado os inícios tímidos, os ensaios bem sucedidos ou malogrados, a afirmação final.

(4). — Conferir: Leroi Gourhan (André), *L'homme et la matière*. Paris, Albin Michel, 1971, p. 10.

(5). — *Odisséia*, XIX, 172-180.

Sem entrosamento da História com a Pré-História, sem se demonstrar cabalmente como uma flui harmonicamente da outra, o estudioso de História, por excelente que seja, terá que admitir a existência de fundamental rompimento na rede de seus conhecimentos.

A Pré-História parece-nos indiscutível precisão para a bagagem do historiador, como ser humano e como profissional especializado.

E os tempos atuais exigem isso de nós. Artigos de jornal, síntese em revistas, até livros ou de divulgação científica ou infelizmente de fantasia delirante transmitiram à massa alfabetizada interesse pela Pré-História. Hoje se pode dizer que ela é de domínio público. Dêsse público, alunos inclusive, que vem nos propor suas perguntas, seus pedidos de esclarecimento, aos quais seria imperdoável se não soubessemos responder ao menos de maneira geral, mas verdadeira.

Compete a nós, em primeiro lugar, assenhorarmos-nos, seja só o *quantum satis*, da Pré-História. Creio que êsse suficiente domínio se tenha tornado, atualmente, obrigação nossa, em relação à comunidade em que vivemos. Salvo melhor juízo.

* *

*

II

Examinemos rapidamente, nesta altura de nossa exposição o modo de situar atualmente a Pré-História em nossas faculdades brasileiras.

Geralmente, se dão noções sobre ela em praticamente todos os inícios de cursos sobre História Antiga. Tais rudimentos são, de ordinário, reduzidos ao mínimo. Por vezes, desatualizados, sendo essa ciência continuamente sujeita a resultados de novas e incessantes pesquisas.

Paralelamente, encontramos assim em manuais como em obras altamente especializadas em História Antiga algumas páginas referentes à Pré-História. Com exceções, estão ali mais como apresada introdução à História escrita, sem despertar nem motivar maiores interesses.

Há faculdades onde existem cursos regulares sobre Pré-História, normalmente não obrigatórios. Assim, no Rio Grande do Sul, Curitiba, São Paulo (Universidade de São Paulo), Santos, outras

localidades. Em São Paulo, na mesma Universidade estadual, há até Instituto de Pré-História, fundado pelo prof. Paulo Duarte, há alguns anos atrás, dedica-se antes a pesquisas que a cursos. No Rio de Janeiro também temos bons centros pré-históricos. E em alguns outros Estados.

Quanto a publicação, há várias, geralmente bastante especializadas. Editam-nas êsses vários centros esparsos de pré-historiadores, publicando o fruto de suas pesquisas. E estas vêm multiplicando-se num crescendo confortador.

Mas, quanto a cursos regulares em Universidades brasileiras, ou faculdades avulsas, penso que a situação é a acima exposta.

* * *

*

III

Quais as sugestões que poderíamos apresentar ao julgamento dos srs. professores neste Simpósio?

Primeiramente, como vimos, o mais comum em nosso país é ministrar, para o geral dos alunos, apenas noções de Pré-História, antecedendo ao começo da História.

Se outra maneira não houver, ter-se-á que ficar, nalgum lugar, apenas com aquilo. Alvitraríamos, então, a possibilidade de que o professor de História Antiga amplie sua exposição e indicação de trabalhos sôbre a Pré-História. Que não se contente com aquela diminuta razão pré-histórica, talvez usual. Mas, devidamente municiado com conhecimentos atuais, transmita a seus alunos, quanto possível, essa ciência e genuíno interêsse por ela.

Os meios didáticos comuns — trabalhos escritos, pesquisas individuais ou em equipe, seminários, projeção de diapositivos... serviriam suficientemente à satisfação dêsse *desideratum*.

O estabelecimento definitivo de curso *optativo* é também boa sugestão. O mecanismo dessa opção ficaria dependendo das circunstâncias locais. Poderia tanto ser aberto, o curso, aos primeiroanistas de História, quanto aos alunos de quaisquer séries; ou, conforme o caso local, seria facultado até a estudantes, digamos do departamento de sociologia, antropologia, quem sabe — onde houver — até de filosofia pura. Igualmente, sempre em acôrdo com as circunstâncias locais, poderia abrigar a alguns em estágio determinado por outros departamentos.

É solução boa e eficaz.

A providência ótima, contudo, seria *curso obrigatório*, para todos os que almejem formar-se em História.

Essa obrigatoriedade poderia ser executada sob duas formas. Ou como curso incluído dentro da cadeira de História Antiga; ou como cátedra especial, de Pré-História.

Esse último alvitre seria o ideal. Como peculiar cadeira para a matéria, conteria diferentes ramificações: Pré-História Geral, Americana, Brasileira; técnica arqueológica geral e particularizada (para sambaquis, para cerâmicas, aldeamentos...); arte; crenças; técnica de reprodução em modelos e de fotografias. Além de pequenos cursos, optativos, de paleontologia, zoologia, física de datações, anatomia — todos ministrados em ordem aos conhecimentos pré-históricos. E, ainda, mais iniciais que poderiam ser suscitadas, com proveito, desde que houvesse cátedra especial. Todas supondo exercícios práticos, de campo.

Derradeira das sugestões que posso, no momento, recomendar é a de curso de *conferências*. Seria dado consoante houver disponibilidade de conferencistas e de oportunidades, durante o currículo de História (em qualquer dos anos).

Depois de alguma consulta a colegas e examinando minha própria experiência, cáculo que um *mínimo* de 22 a 25 horas-aula seriam suficientes para se obter visão de conjunto sobre Pré-História Geral. Havendo, porém, aulas práticas ou de projeções, aquele número precisa ser acrescido em pelo menos mais 3 unidades.

Terão visto, os srs. professôres aqui presentes, que no esquema de minha comunicação, gentilmente distribuído pela Secretaria do Simpósio, o último item pede outras sugestões e o testemunho da experiência dos Simposiastas. É o que faço, neste instante. E enquanto se preparam para trazer-nos sua ajuda nos debates finais, passo a examinar algumas dificuldades ao estabelecimento de cursos de Pré-História.

Sobrevôo o óbice das verbas. É problema comum a todos, mas, creio, em se tratando de algo de tanta relevância para o saber, encontrar-se-á a boa vontade de uma solução, o entusiasmo de um bom resultado.

O grande embaraço será o exíguo número de professôres de Pré-História de que possamos dispor. Dissemos acima que existem em diferentes Estados do país diversos núcleos de especialistas. Mas, o que podemos verificar é que se trata de grupos de alta pesquisa e não propriamente de ensino. Novos elementos que se agregam a eles o fazem por vocação, recebendo, então, e só estes, o respectivo cabedal de conhecimentos. São centros que muito honram a nação e que labutam diuturnamente de modo profícuo, como podemos testemunhar em cada nova reunião, das que anualmente nos congregam.

Nos cursos que se fizessem em localidades onde houvessem êses grupos, elementos dêles poderiam ser-nos de suma utilidade, dando a aula correspondente ao pormenor de Pré-História em que se especializaram.

Mas, a existência desse núcleos categorizados não soluciona o problema nacional. A instituição, em escala brasileira, de cursos daquela ciência exige professôres, afeitos ao ensino, e que estejam disponíveis para ministrarem Pré-História *Geral*.

Parece que resolveria o impasse a generosidade de Universidades dotadas, já, de recursos de Pré-História *Geral*. Poderiam e'as, dentro das exigências de seus cursos, ceder temporariamente seus professôres para a modalidade de conferências, a serem proferidas nas faculdades que se interessarem por esse relevante ramo do conhecimento humano. Além disso, poderiam, elas mesmas, organizar, ao tempo das férias, cursos de Pré-História *Geral* só para professôres, os quais, de volta às regiões, haveriam de transmitir os conhecimentos recebidos e organizar centros de pesquisas locais, tão necessários ao Brasil.

Com êsse intuito, sendo o caso, poderia haver, alguma vez, a'é convênios estáveis, que assegurassem, com tranquilidade, a existência e o rodízio de tais cursos de conferências.

Isso, enquanto não conseguirmos formar mestres a sairem dos cursos, já existentes de maneira definitiva em algumas de nossas Universidades. Com o tempo, esperamos que a ausência de professôres não mais irá empecer o desenvolvimento da ciência brasileira, nesse setor.

Aí vão as considerações, muito breves, que desejávamos apresentar a êse Simpósio, de maneira direta e prática. Tentamos demonstrar a importância da Pré-História para o conhecimento humano, para o historiador em particular e em relação à cultura comum, hoje existente. Examinamos a situação a qual dessa disciplina em nossas faculdades e, enfim indigitamos sugestões possíveis, a serem aplicadas.

Só nos resta agradecer a atenção dos colegas.

* * *

Do Prof. *Earle Macarthy Moreira* (ICHL/UFRS. Pôrto-Alegre. Rio Grande do Sul).

Diz que a comunicação do Autor é, além de inteligente, muito adequada ao momento, já que em várias Universidades do país

está em andamento a Reforma Universitária, fato que vem propiciar a oportunidade de uma revisão curricular e, no caso em apreço, a introdução de *Pré-História* como disciplina e não mais como “noções” inseridas a contra-gosto, deslocadas mesmo, nos programas de História Antiga.

À guisa de testemunha em prol da “causa” defendida pelo Autor, deve esclarecer que desde 1956 há uma disciplina de Pré-História (I e II) em dois semestres, fornecendo 8 créditos, no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que fundou e vem regendo até o presente, contando desde 1970 com um auxiliar de ensino que foi contratado, principalmente, para dar uma nova dimensão ao trabalho de campo, não só como atividade de pesquisa, mas também, e acentuadamente, para introduzir os estudantes na técnica arqueológica de investigação.

O seu plano de curso prevê um teto superior de 20 horas em campo com o estudante, não computados aqui as horas de “laboratório”, isto é, análise e interpretação do material recolhido e do sítio como tal.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde se introduziu a disciplina inicialmente com 2 horas semanais, atualmente ela se desenvolve em 2 semestres letivos com 4 aulas semanais.

Em ambas as Universidades o 1.º semestre é, pode-se dizer, instrumental ou de iniciação já que visa fundamentalmente aspectos metodológicos. No 2.º semestre o programa atende a temática da Pré-História Geral, Americana e brasileira.

Nas duas Universidades a disciplina de Pré-História (I e II) é *obrigatória*, complementando o currículo mínimo, por decisão dos respectivos Departamentos de História, sem uma voz discordante sequer!

Era o que tinha a dizer, além de ap'audir efusivamente a boa lembrança do Autor em colocar em pauta o assunto neste Simpósio.

*

Da Profa. *Maria da Glória Santana de Almeida* (IFCH/UFS: Aracajú. Sergipe).

Deseja, atendendo a solicitação do Autor expressar a sua experiência relativa à ligação da Pré-História ao *currículum* de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe.

Em anos anteriores sempre associou a Pré-História à História Antiga, e como o Autor referiu-se ao fascínio do assunto, e'a também foi atingida por essa fascinação e passava muitas vèzes, dois meses, sòmente minis'rando Pré-História. Com a Reforma da Universidade, a Pré-História, como disciplina independente, não funciona no *curriculum* de História, devido à redução do ensino de História Antiga apenas a um semestre e nestas condições não haveria possibilidades de ministrar conhecimentos dêsse assunto no Curso de História do Instituto.

Nessa circuns'ância faz um apêlo ao Autor para que êste auxilie a resolver o problema a fim de que os alunos não sofram as conseqüênc.as.

Indaga se levando-se em conta a existência da disciplina de Antropologia Cultural no *curriculum* de História não seria possível, aproveitando a sugestão apresentada pelo Autor na sua comunicação, dar, êle um ciclo de pelo menos dez conferências sôbre o assunto?

*

Da Profa. *Maria Aparecida Prado Valle* (da Faculdade de Filosofia do Centro Universitário de Brasília. Distrito Federal).

Diz que o Autor mencionou que o patrimônio pré-histórico está sendo destruído. Como fêz parte, em 1970 de uma das Comissões do Patrimônio Histórico Nacional extranhou que o fato não fôsse observado por nenhuma das Comissões estaduais representadas nessa Reunião. Gostaria de perguntar o porquê dêsse fato, pois se havia até representação para defesa do patrimônio florestal (Burle Marx, da Guanabara). Porque os professôres de Pré-História não encaminharam ao Patrimônio Histórico do MEC considerações nesse sentido?

*

Do Prof. *José Maria Corrêa* (ICHL/UFG. Goiânia. Goiás).

Apresenta as seguintes sugestões:

1. — Interessar os professôres de Antropologia nas pesquisa pré-histórica;
2. — Lutar inicialmente pela sua introdução como disciplina optativa;
3. — Incentivar a pesquisa pré-histórica;
4. — O desenvolvimento da pesquisa imporá a disciplina como matéria obrigatória.

*

Da Profa. *Wilma Terezinha Fernandes de Andrade* (FFCL/Santos. São Paulo).

Indaga do Autor: quais os critérios que aceita, e porquê, para os limites da Pré-História e História?

*

Do Prof. *Aniz Domingos* (FFCL/União da Vitória. Paraná).

Pergunta:

a). — O professor de História Antiga deve, ou não, dar uma unidade inicial sobre a Pré-História?

b). — Em caso positivo, quais os assuntos que deveria tratar sobre Pré-História?

*

Da Profa. *Antonieta de Aguiar Nunes* (FFCL/São Bento. PUC. São Paulo).

Diz que, como professora de História do Brasil, sente ausência de um curso que mostre a evolução das tribos indígenas em si mesmas, sem ser apenas através de contactos com os brancos. Os alunos, e mesmo os professores, nem sempre têm idéia clara e coerente dos vários grupos, seus estágios culturais, sua distribuição pelo território, etc. Isso também leva mais facilmente à destruição do nosso patrimônio pré-histórico. Sugere, pois, que se crie a Cadeira de Pré-História brasileira no curso de História, para qual existe vasto campo de trabalho e mesmo maior facilidade de se obterem especialistas locais, do que entendidos em Pré-História Geral.

*

Da Profa. *Hedwig Reichen Miranda* (FFCL/Paranaguá. Paraná).

Pergunta: a Pré-História poderia ficar no Departamento de Antropologia, integrando a Arqueologia pré-histórica? Ou então, sugere, a Pré-História poderia integrar a História Antiga, a qual, por isso, seria aumentada para 3 semestres.

* *

*

RESPOSTAS DO PROFESSOR JOSÉ AFONSO DE MORAES BUENO PASSOS.

Ao Prof. *Earle Macarthy Moreira*.

Cumprimenta-o pelo pioneirismo de ministrar curso regular de Pré-História em Pôrto-Alegre desde 1956. Essa palma certamente cabe ao Rio Grande do Sul. Também acha muito auspicioso o fato de que a matéria seja obrigatória nas duas Universidades da capital gaucha, a Federal e a Católica. É um exemplo para todo o país. Igualmente, o programa esboçado pelo Prof., Macarthy é bastante adequado a um bom e fundamentado ensino de Pré-História.

Aliás, frutos dos cursos do Prof. Macarthy estão aí, à vista de todos. Limita-se a citar a equipe Schmitz, numerosa, competente e que há anos, ininterruptamente, só se dedica à Pré-história no Sul do Brasil. É formada por antigos alunos do Prof. Macarthy.

Em Santos, o curso de Pré-História, obrigatório, data apenas de 1965.

*

A Profa. *Maria da Glória Santana de Almeida*.

Lamentou o Autor que, na reforma de ensino, a Universidade onde trabalha a Profa. Santana de Almeida tenha reduzido a História Antiga, em cuja Cadeira de dava a Pré-História, a apenas um semestre, o que subtrai qualquer possibilidade de se prosseguir com o curso pré histórico. Mas, um Estado de grande tradição cultural, como é Sergipe carinhosamente estimado por todos os brasileiros, certamente reverá essa sua posição.

Enquanto isso não sucede, e respondendo ao gentil apêlo da professora, afirma o Autor que está à disposição, conquanto a exiguidade de 10 conferências possa ser admitida só mesmo dentro do contexto real das circunstâncias. Tem muito prazer e honra em aceitar o convite, se for feito, e se a professora Santana de Almeida obtiver as licenças da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, onde leciona. Agradece à professora.

*

A Profa. *Maria Aparecida Prado Valle*.

O Autor achou muito justa a observação da professora de nossa capital, Brasília. Mas pode afiançar que no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Ministério de Educação e Cultura há muito interesse pelo domínio pré-histórico brasileiro. Além do cuidado pessoal e direto do senhor diretor geral, Professor Renato Soeiro, há encarregado especial para o assunto, o Dr. Alfredo T. Rusins. E em quase todos os Estados há representante peculiar para o setor pré-histórico. Aliás, no Estado de São Paulo é o próprio Autor da Comunicação, dedicando-se exclusivamente ao patrimônio pré-histórico, não ao histórico e artístico (chefeado, êste setor, por eminente historiador e arquiteto o dr. Luiz Saia). Portanto, o que se poderia endereçar ao IPHAN/MEC, seria, antes, a oferta de colaboração estadual para a consecução do comum objetivo. Fica grato, porém, à professora, pelo grande interesse demonstrado, assim como pela oportunidade que lhe deu de esclarecer a questão, aludindo, como pode fazer, ao ingente esforço do IPHAN/MEC na defesa do patrimônio pré-histórico da Nação.

*

Ao Prof. *José Maria Corrêa*.

Diz o Autor que a gradação escalonada que o Prof. Corrêa apresenta é muito boa, lúcida e até estratégica. Apresenta-a a todos, como a'go a ser aplicado em escala nacional.

*

À Profa. *Wilma Terezinha Fernandes de Andrade*.

À eminente professôra de História do Brasil, período colonial, o Autor responde, reafirmando que, para êle, a linha divisória entre Pré-História e a História é a metalurgia, pois com a descoberta primeiro do cobre, logo mais do bronze, a sedentarização tornou-se definitiva (não mais passageira ou esporádica como anteriormente), pois o trato sôbre o metal a isso obrigava (ao contrário do que ocorria com a agricultura, a qual não necessariamente sedentarizava o homem). Fixada, assim, a organização humana já existente, expande-se: e têm-se assim a cidade, o governo estável, a contribuição de todos para o fim coletivo, a codificação, ainda em direito consuetudinário, não escrito, da religião, da arte, da estratificação social. Ora, uma tal documentação, conquanto não escrita ainda, mas estudada suficientemente pela Arqueologia, já constitui História de um povo.

No entanto, diz que reconhece ser sua sentença a de uma minoria. A maior parte dos historiadores aceita a escrita como início da História. Pensa ter respondido assim, embora esquemáticamente, ao porquê da Profa. Wilma Andrade.

*

Ao Prof. *Aniz Domingos*.

Responde:

a) — sim, não havendo curso especial — já não diz cátedra — de Pré-História, convém que haja pelo menos uma unidade dessa ciência dentro de um curso de História Antiga;

b) — sôbre os assuntos que deveriam ser tratados em Pré-História, evidentemente isso pressupõe a elaboração de um programa. Em todo o caso, assim de um modo muito resumido, pode adiantar o seguinte, para êsse programa:

Noções sôbre a formação da terra — teoria da evolução — estudo sôbre primatas superiores — o gênero *homo*. Indústrias pré-históricas. O *sapiens* e sua cultura. Etapas.

Diz o Autor que êsses são capítulos vastos e “muito gerais”. Mas, dar um exato programa de Pré-História Geral naquele mo-

mento ocuparia por certo mais de uma boa hora de preleção. Em particular, porém, continua à disposição do Prof. Domingos, se o quizer honrar com consulta a respeito.

*

À Profa. *Antonieta de Aguiar Nunes*.

Declara que concorda inteiramente com a professora a respeito da ausência de cursos sobre aborígenes brasileiros. Também acha muito úteis cursos, quem sabe especiais para professores. Mas, pede licença à professora para discordar do que ela parece desejar: a saber, criação de cadeira só de Pré-História Brasileira, prescindindo-se de Pré-História Geral. Aquela é uma sub-divisão desta e não pode ser entendida sem Pré-História Geral. Havendo, porém, conhecimento suficiente de Pré-História Geral é claro que, estando no Brasil, se empenhe mais na Brasileira. Consoante disse o Autor em sua exposição, há vários centros de pesquisas brasileiras em nosso país, no setor pré-histórico, com profissionais competentes e dedicados. Eles poderiam ajudar muito os cursos de Pré-História. Mas, repete, sem a Geral não é possível compreender a particular de algum país. E agradece à professora o interesse e a intervenção.

*

À Profa. *Hedwig Reichen Miranda*.

Sobre a indagação se a Pré-História poderia integrar o Departamento de Antropologia, declarou-se de pleno acôrdo. Se a Pré-História pode ser parte de Arqueologia pré-histórica, como interroga a prezada professora, crê dever fazer uma distinção. Pré-História não é Arqueologia; esta é um método para a Pré-História. Só isso. Assim também a História não é Arqueologia histórica. Uma coisa é a ciência pesquisada, outra o método de pesquisa. Esse método constitui também uma ciência e uma arte, tem suas regras, como qualquer outro método, via, caminho para se atingir um fim. O Autor diria, antes, que a Arqueologia pré-histórica é parte da Pré-História, não o contrário.

Sobre a interrogação ou sugestão de se a Pré-História poderia fazer parte definitiva da História Antiga, passando esta a dispor de três semestres letivos, responde: conquanto Pré-História, no ver do Autor, seja uma secção da História, não é, de si, História Antiga; é outro período. Mas, na falta de melhor, conforme observou, pode perfeitamente integrar um curso de História Antiga. Se a Profa. Miranda conseguir para essa bem determinada "História Antiga" três semestres de aulas, terá obtido uma vitória que be-

neficiará os alunos e a cultura brasileira. Deseja cumprimentá-la pela idéia de dilatação desse curso, com o fito precioso de nele incluir-se a Pré-História.

* *
*

RÉPLICA DA PROFESSORA ANTONIETA DE AGUIAR NUNES.

Diz a professora que extranhou “sendo o Prof. Passos de São Paulo, não tenha mencionado em nenhum momento o trabalho que vem desenvolvendo a equipe do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, tendo sido mencionado apenas o nome do Prof. Paulo Duarte. Os estudos continuam no Instituto num trabalho laborioso e fecundo de toda a equipe”

* *
*

À Profa. *Antonieta de Aguiar Nunes*.

Respondeu dizendo que aludira ao Instituto, bem claramente, como aliás a professora reconhece. Abstivera-se, contudo, de insistir muito, sendo paulista, no que se tem em sua terra. E seria quase elogio em boca própria, pois os pesquisadores do Instituto, Caio del Rio Garcia e Dorah Uchoa são como irmãos do Autor, que os acompanha há anos; esteve, aliás, há pouco, vendo *in loco* o trabalho deles no sítio do Tenório, em Ubatuba. Igualmente o Prof. Eurípedes Simões de Paula, diretor do Instituto, é um caríssimo e velho amigo seu.

Mas, lembra à professora, que o nosso Instituto dedica-se mais à pesquisa, que ao ensino de Pré-história, e é deste que falamos, consoante declarou algumas vezes e como o próprio título da Comunicação patenteia. Se se for mencionar os centros de pesquisa, “só em nosso Estado”, além do que citara na Comunicação — precisamente o Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo — deveria referir-se, entre outros, às excavações organizadas pela dra. Luciana Pallestrini para o Museu Paulista, com sede em Pirajúi; e, máxime, aos seus ótimos cursos sobre arqueologia brasileira; às do Prof. Desidério Aytai, para a Universidade Católica de Campinas; às do Prof. Tom Miller, de Rio Claro; e às da arqueóloga Sílvia Maranca, S. Paulo; etc. São núcleos de pesquisadores de campo alguns, ministrando cursos particularizados, de pesquisas. Em todo caso, agradece à professora a oportunidade que teve, devido à intervenção, de poder encomiar a seus amigos. E, se lhe é lícito, louva mais uma vez, o sumo interesse da Profa. Antonieta de Aguiar Nunes por tão momentoso, útil e necessário assunto, como é a Pré-História.